
O ACONTECIMENTO: ENTRE FOUCAULT E DELEUZE

HAPPENING: BETWEEN FOUCAULT AND DELEUZE

LUIZ MANOEL LOPES

Universidade Federal do Cariri

Resumo: A filosofia no século XXI, ao trazer as influências das produções de Deleuze em torno do *acontecimento* e *sentido* as quais encontramos em seu livro *Lógica do sentido* publicado em 1969, ganha variadas vertentes em torno das posições dos problemas por virem. As motivações deste trabalho são as de acompanhar em que medida Michel Foucault e Gilles Deleuze, cada qual ao seu modo, procuram fazer filosofia fora dos cânones, principalmente quando procuram pensar fora da filosofia da história e do estruturalismo.

Palavras-chaves: Foucault; Deleuze; Acontecimento; Sentido

Abstract: Philosophy in the 21st century, by bringing the influences of Deleuze's productions around the event and meaning which we find in his book *Logic of Sense* published in 1969, gains varied aspects around the positions of the problems to come. The motivations of this work are to monitor the extent to which Michel Foucault and Gilles Deleuze, each in their own way, seek to do philosophy outside the canons, especially when they seek to think outside the philosophy of history and structuralism.

Keywords: Foucault; Deleuze; Happening; Sense

82

1 INTRODUÇÃO

As questões levantadas no presente trabalho consistem em sublinhar o que *Michel Foucault* apresenta em seu texto *Theatrum Philosophicum* acerca das relações entre acontecimento e sentido enquanto novos modos e maneiras de tratarmos a filosofia a partir dos desafios em não mantermos as mesmas categorias da tradição. No limite, podemos dizer que fazer filosofia sem nos ancorarmos ao Ser e ao sujeito, nada mais é que ousar pensar no entre um e outro sem cairmos num abismo

intransponível. Nestas pontuações, acrescentamos que estamos seguindo as indicações de Michel Foucault quando destaca as relevâncias de dois livros escritos por Gilles Deleuze, quais sejam: *Diferença e repetição* (1968) e *Lógica do sentido* (1969).

Os problemas filosóficos que emergem no século XXI razem as tentativas de ultrapassar as questões levantadas por Hegel, principalmente após nos deparamos com as afirmações de Nietzsche e Heidegger. Nas sequencias deste trabalho, além de seguirmos as indicações de Michel Foucault, acerca das relações imprescindíveis entre acontecimento e sentido, não deixaremos de fazer aportes às suas leituras de Nietzsche e Heidegger. As leituras de Foucault destes pensadores terão as aproximações com aquelas de Deleuze.

A recolocação da pergunta filosófica é um dos motivos deste trabalho, justamente por consideramos que após as afirmações de Nietzsche, o filósofo Martin Heidegger indaga: o que nos resta pensar após Nietzsche senão a diferença? Heidegger nas Conferências de 1956 cujos títulos são respectivamente: *Identidade e Diferença* e *A Constituição onto-teo-lógica da metafísica*, não deixa de sublinhar que a questão de Hegel é pensar o pensamento enquanto a sua é pensar a diferença. Todavia, após Nietzsche, as formulações heideggerianas não incidirão somente na pergunta pela diferença ontológica entre Ser e ente. O sentido do ser não será mais associado à abertura do Dasein em meio às possibilidades. A repetição da questão filosófica incidirá na pergunta: de onde vem o Dasein na suas relações entre os acontecimentos: viver e morrer? As ênfases das indagações não recaem mais em torno do Dasein; mas sim, no povo que é herdeiro dos gregos: o povo alemão. Em *Ser e Verdade*, podemos atestar as afirmações de Heidegger:

Quando e onde se deu e aconteceu a decisão primeira e única da questão fundamental da filosofia e, por conseguinte, da própria filosofia? Naquele tempo em que o povo grego, cuja estirpe e língua têm conosco a mesma origem, preparou-se e aprontou-se, em seus grandes poetas e pensadores, para criar um modo singular de presença humana e popular, o que, então, teve seu princípio, até hoje não se desfez. Este princípio ainda está em vigor e não desapareceu, nem desaparece com o fato de a história posterior ter permanecido cada vez menos senhora de sua grandeza. O princípio ainda vige e subsiste como disponibilidade distante que antecipa amplamente nosso destino ocidental e liga a si o destino alemão. (Heidegger, 2012, p.23)

As questões que norteiam o nosso estudo trazem os problemas filosóficos mediante as novas maneiras de filosofar no século XXI, sendo neste aspecto que buscamos trazer os aprendizados obtidos a partir das leituras que fazemos de Michel Foucault quando recorta as relações entre acontecimento sentido.

O nosso ponto de partida para as discussões deste estudo remete ao texto de Michel Foucault como já indicamos, os quais destacam aqueles escritos por Gilles Deleuze; e, também ao texto de Martin Heidegger, *Beirage zur Philosophie (Vom Ereignis)*, publicado em 1989. O texto de Heidegger, ao ser traduzido para a língua portuguesa, ganhou o título *Contribuições à Filosofia (Sobre o acontecimento apropriador)*.

As questões que levantamos em nossas pesquisas serão direcionadas para os modos em que a pergunta filosófica passa a Ser deslocada para as problematizações em torno do Acontecimento e do Sentido.

2 FOUCAULT E OS APRENDIZADOS EM TORNO ACONTECIMENTO

As questões e problemas que buscamos trazer, para os debates e discussões filosóficas no século XXI, serão orientadas pelas indicações que Michel Foucault nos apresenta em seu *Theatrum Philosophicum*. As explicações, em torno dos livros de Gilles Deleuze, *Diferença e repetição* e *Lógica do sentido*, nos abrem muitas perspectivas para que possamos fazer filosofia mediante as suas considerações.

As audácias e ousadias de Michel Foucault nos levam a considerar uma questão que é sublinhada pelo autor quando afirma com todas as letras que fazer filosofia no século XXI é pensar o acontecimento e o sentido. Em sua leitura, encontramos afirmações que assinalam três tentativas fracassadas de filosofias que buscaram pensar o acontecimento e sentido, quais sejam: o neopositivismo, a fenomenologia e a filosofia da história.

Em nosso trabalho, faremos percursos para acompanhar os passos adotados por Foucault quando assinala, em entrevista a Alessandro Fontana, as relações entre Verdade e Poder. Ao expor para o filósofo a relevância do conceito de acontecimento, o interlocutor mostra que o estruturalismo considerou a estrutura como aquilo que poderia ser pensado; enquanto o acontecimento ficou situado do

lado do impensável e do irracional. Vejamos a citação de Alessandro Fontana: “Deve-se então recolocar o conceito de descontinuidade no seu devido lugar. Talvez haja um outro conceito mais importante, mais central no seu pensamento: o conceito de acontecimento”. (Foucault, 1988, p.6). Os movimentos de pensamento das décadas de 50 e 60, do século XX, trouxeram muitos registros em decorrências dos deslocamentos operados pelo estruturalismo face à filosofia. No entanto, somente as estruturas foram consideradas como objeto de pesquisa em detrimento daquelas impossibilidades próprias às pesquisas em torno acontecimento. Alessandro Fontana, na entrevista com Foucault, continua dando ênfases a este problema:

Ora, a respeito do acontecimento, uma geração ficou durante muito tempo num impasse, pois, depois dos trabalhos dos etnólogos e mesmo dos grandes etnólogos, estabeleceu-se uma dicotomia entre as estruturas (aquilo que é pensável) e o acontecimento, que seria o lugar do irracional, do impensável, daquilo que não entra e não pode entrar na mecânica e no jogo da análise, pelo menos na forma que tomaram no interior do estruturalismo. (Foucault, 1988, p.6)

As pontuações que encontramos por parte do interlocutor são valiosas por nos permitirem alinhavá-las com aquelas que aparecerão nas linhas tecidas por Michel Foucault no *Theatrum Philosophicum*.

As tensões apresentadas por Alessandro Fontana são respondidas por Foucault de modo a considerar o desafio de pensarmos uma filosofia que trata o acontecimento de modo divergente ao da posição estruturalista. Vejamos como Michel Foucault responde:

Admite-se que o estruturalismo tenha sido o esforço mais sistemático para eliminar, não apenas da etnologia, mas de uma série de outras ciências e até da história, o conceito de acontecimento. (Foucault, 1988, p.6)

As posições de Foucault e Deleuze tentam ir além daquelas mantidas tanto pelo estruturalismo quanto da filosofia da história a qual traz a dialética hegeliana como orientação. Eu não vejo quem possa ser mais anti-estruturalista do que eu. “Mas o importante é não se fazer com relação ao acontecimento o que se fez com relação à estrutura.” (Foucault, 1988, p.6).

As questões da filosofia contemporânea remetem-nos sempre a sublinharmos as tentativas por parte dos pensadores de ultrapassar Hegel. Todavia, também podemos

acrescentar que Foucault, assim como Deleuze, não deixa de dar atenção as formulações de Nietzsche e Heidegger. A morte de Deus pensada por Nietzsche; a diferença ontológica e o Ereignis como questões levantadas por Heidegger não deixam de fazer efeitos nos pensamentos de Foucault e Deleuze. Vejamos, sobre o que Foucault nos diz a respeito do acontecimento:

Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos. (Foucault, 1988, p.6)

A questão levantada por Foucault, em relação aos modos de trabalhar os acontecimentos, na entrevista *Verdade e Poder*, nos possibilitará entrar em contato com suas considerações em torno acontecimento e sentido em Deleuze. Por enquanto, manteremos mais uma de suas citações na entrevista supra citada:

O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas. (Foucault, 1988, p.6)

Foucault aponta as divergências para com o estruturalismo e a filosofia da história, os seus distanciamentos, para estes modos de pensar, tem o foco no caráter belicoso que impulsiona os movimentos históricos. Neste aspecto, apresenta as relações de poder enquanto traço singular que o possibilita divergir da semiologia e da dialética.

Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não lingüística. Relação de poder, não relação de sentido. (Foucault, 1988, p.6)

Os movimentos históricos são mais estudados a partir de percursos que remetem ao desenvolvimento contínuo da Razão. A relação entre Verdade e História não pode ser apreendida sem as relações de poder. A perspectiva centrada em pensar nos aspectos simbólicos, assim como na lógica dialética que remete aos momentos

contraditórios, não atingem as discontinuidades e os de processos de racionalização que emergem de modos pontuais mediante às inúmeras confrontações de forças. Neste trabalho, buscamos estender estas discussões sobre a *Verdade e História* a partir do que ocorre na Filosofia contemporânea. Ouçamos Foucault:

A história não tem "sentido", o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. (Foucault, 1988, p.6)

Foucault ao pensar as relações de poder está sinalizando para novas maneiras de fazer filosofia, em que sobressaem os seus esforços para pensar de outra maneira. “Nem a dialética (como lógica de contradição), nem a semiótica (como estrutura da comunicação) não poderiam dar conta do que é a inteligibilidade intrínseca dos confrontos”. (Foucault, 1988, p.6). As dinâmicas das relações de poder trazem divergências nos modos de conceber a história a partir de discontinuidades, rupturas e estratégias. A noção de acontecimento ganha relevância por trazer sentido fora da lógica centrada tanto na identidade quanto na contradição, e das análises linguísticas estruturais.

A "dialética" é uma maneira de evitar a realidade aleatória e aberta desta inteligibilidade reduzindo-a ao esqueleto hegeliano; e a "semiologia" é uma maneira de evitar seu caráter violento, sangrento e mortal, reduzindo-a à forma apaziguada e platônica da linguagem e do diálogo. (Foucault, 1988, p.6)

Gilles Deleuze e Michel Foucault apresentam pontos em comum quando se trata de desvios em relação à filosofia da história de Hegel. As considerações de Foucault como tentativas de pensarmos de outras maneiras, não são feitas a bel prazer. Trata-se de constatações de problemas decorrem do rebaixamento operado pela dialética hegeliana ao colocar a verdade na temporalidade e afirmar que a relação entre essência e aparição é ao mesmo uma ontologia e uma lógica do sentido. A verdade da essência não está mais distanciada da aparência. A filosofia da história manterá este procedimento.

Deleuze, logo na abertura de *Diferença e Repetição*, deixa bem nítido o seu anti-hegelianismo:

O assunto aqui tratado está manifestamente no ar, podendo-se ressaltar como seus sinais: a orientação cada vez mais acentuada de Heidegger na direção de uma filosofia da Diferença ontológica; o exercício do estruturalismo, fundado numa distribuição de caracteres diferenciais num espaço de coexistência; a arte do romance contemporâneo, que gira em torno da diferença e da repetição não só em sua mais abstrata reflexão como também em suas técnicas efetivas; a descoberta, em todos os domínios, de uma potência própria de repetição, potência que também seria a do inconsciente, da linguagem, da arte. (Deleuze, 2006, p.8)

A citação de Deleuze faz eco às afirmações em torno da atmosfera do pensamento francês nas décadas de 1950 e 1960, principalmente pelo protagonismo assumido pelo estruturalismo tanto na linguística, quanto na antropologia e psicanálise. As citações que se seguem enfatizam seus desvios em relação à filosofia da história de Hegel o que faz seu modo de pensar tornar-se confluyente com o de Foucault.

Todos estes sinais podem ser atribuídos a um anti-hegelianismo generalizado: a diferença e a repetição tomaram o lugar do idêntico e do negativo, da identidade e da contradição, pois a diferença só implica o negativo e se deixa levar até a contradição na medida em que se continua a subordiná-la ao idêntico. (Deleuze, 2006 p.6)

As pontuações que encontramos na citação acima nos permitem entrar nas considerações que Michel Foucault apresenta entre os dois livros escritos por Gilles Deleuze: *Diferença e repetição* e *Lógica do sentido*. A partir das citações acima, podemos nos remeter às considerações que encontramos no *Theatrum Philosophicum* acerca das relações entre acontecimento e do sentido.

Lógica do sentido pode ler-se como o livro mais distanciado que se possa conceber na Fenomenologia da Percepção: nela o corpo-organismo estava unido ao mundo por uma rede de significações originárias que a percepção das coisas mesmas continha. (Foucault, 1997,p.51).

As indicações de Foucault contribuem, de modo muito relevante, para acompanharmos as relações entre as diferentes posições filosóficas que mantem a perspectiva de afirmar a posição do sentido articulada ao sujeito e ao modos de fazer filosofia como aquele que Deleuze apresenta:

Em Deleuze, o fantasma forma incorporal e impenetrável superfície do corpo; e a partir de todo esse trabalho ora topológico e cruel que se constitui algo que se pretende ser organismo centralizado,

distribuindo – a sua volta o progressivo afastamento das coisas. (Foucault, 1997, p.51).

As orientações que buscamos em Michel Foucault possuem os propósitos de nos potencializarmos em nossas praticas de pesquisar, ensinar e estender a filosofia do acontecimento. Acompanhem suas indicações:

Michel Foucault, ao tratar a metafísica não como esquecimento do Ser, reaviva as discussões propostas por Heidegger de um novo começo em filosofia. A ultrapassagem da metafísica consistiria não através da pergunta pelo Ser; e , nem, tampouco na confusão do Ser com o ente. Heidegger propôs um recomeço a partir do Ereignis enquanto apropriador da manifestação da Verdade do Ser do sendo. Michel Foucault sublinha quando fala dos dois livros de Gilles Deleuze distingue:

Física: discurso sobre a estrutura ideal dos corpos, das misturas, das relações, dos mecanismos do interior e do exterior; metafísica: discurso acerca de materialidade dos incorporais, - dos fantasmas, dos ídolos e dos simulacros (Foucault, 1997, p.51)

As filosofias de Foucault e Deleuze trazem as questões levantadas por Heidegger acerca de Nietzsche. As posições dos filósofos contemporâneos sempre são tentativas de ir além de Hegel. Todavia, a partir de Nietzsche, Marx e Freud começamos, como muito bem assinala Foucault, a ter outros modos de nos relacionarmos com os signos.

A questão propriamente filosófica no que diz respeito às leituras de Foucault indica que Heidegger e Nietzsche o influenciaram demasiadamente.

As posições de Foucault ressaltam que após ter lido bastante Heidegger e Nietzsche, certamente foi o ultimo o que mais impactou. Não podemos deixar de acrescentar que a declaração de Nietzsche em relação à morte de Deus, além de causar reverberações no meio filosófico, não deixou de apontar para alternativas: ou caímos num profundo Niilismo ou temos que repetir a pergunta filosófica?

A questão que se apresenta remete ao modo como repetiremos a pergunta filosófica de um modo diferente da tradição. Heidegger apresenta suas considerações no seu texto: *Beitrag zur Philosophische (Vom Ereignis); Contribuições à Filosofia (Vom Ereignis)*. Neste texto, encontramos as indicações de Heidegger ao apontar as saídas possíveis em relação às concepções entre homem,

mundo e Deus a partir de um deslocamento da transcendência para o acontecimento apropriador:

O despertar dessa indigência é o primeiro tresloucamento do homem para o interior daquele entre, no qual a confusão acossa de maneira uniforme e o deus permanece em fuga. Esse “entre”, contudo, não é nenhuma “transcendência” com relação ao homem, mas é, ao contrário, aquele aberto, ao qual pertence o homem como fundador e guardião, na medida em que ele é apropriado em meio ao acontecimento como ser-aí pelo ser mesmo, que não se essência como nada diverso senão como acontecimento apropriador (Heidegger, 2015, p.30).

Luiz Alberto Hebeche em seu Curso sobre Contribuições à Filosofia (o acontecimento-apropriador) de Martin Heidegger nos orienta em relação ao posicionamento de pensador alemão em relação à questão fundamental da Filosofia, inicialmente pontuando a relevância do texto derivado da Conferência em Marburgo, em 1933, intitulada Ser e Verdade:

Na preleção do semestre de verão de 1933 tem-se a famosa comparação heideggeriana do vínculo da Filosofia com os dois povos metafísicos por excelência: o povo grego e o povo alemão. Por-se em questão o que há de filosoficamente fundamental já não é uma façanha apenas do ser-aí, mas do povo ao qual ele pertence. Ora, a questão fundamental da Filosofia não diz respeito a uma mera formação, educação ou cultura, mas sim a um combate em que se exprime o anseio de um povo em tornar-se nação. (Hebeche, 2024, p.17)

As indagações de Heidegger ressoam em nossas pesquisas, principalmente quando começamos por nos aperceber de nossas práticas de lecionar filosofia em continente não-europeu, o que nos leva a ler com muita atenção os excertos a seguir

A pergunta fundamental da Filosofia continua sendo grega: O que é o ser do sendo? Ela, porém, já não pode mais ser colocada abstratamente como nas escolas. Nesse ano de reitorado na Universidade de Marburgo Heidegger, dirigindo-se aos estudantes alemães, entende que “a Filosofia não é uma abstração, mas uma demanda real e uma suprema necessidade diante da dureza e obscuridade de nosso destino e de nossa convocação” (SV, p. 23) (Hebeche, 2014, p.18).

A citação de Hebeche nos permite fazer novamente referências ao conteúdo da exposição sobre a questão fundamental da filosofia, a qual encontramos Heidegger a expondo em Ser e Verdade:

Será que o estabelecimento da questão fundamental se dá e acontece por alguma sentença arbitrária de poder, vinda de algum lugar, ou por uma inspiração que, uma vez, alguém teve? Ou resulta das carências casuais de algum tempo? Ou será que se deixa constituir por combinação e acerto? Ou será que depende do arbítrio, segundo o, assim chamado, ponto de vista de algum filósofo? Ou será que a questão fundamental tem seu próprio fundo e fundamento e, por isso mesmo, possui uma necessidade que lhe é exclusiva? Ou será, então, que já está decidido qual é esta questão fundamental? - É este o caso; e somente por isso é que ela se chama de questão fundamental - por ser, ao mesmo tempo, fundada e fundante. Qual é a questão fundamental da filosofia, o seu princípio já decidiu. (Heidegger, 2012, p.23)

A questão filosófica leva-nos a indagar: como poderemos fazer filosofia no século XXI fora do continente europeu? As mudanças geopolíticas trazem perspectivas em que a Europa não tem mais o mesmo predomínio como nos séculos XIX e XX? As posições filosóficas trazem para o século XXI os questionamentos dos fundamentos que garantiram ao pensamento ocidental manter-se mediante os princípios de identidade, terceiro excluído e não-contradição. Os desafios de fazermos filosofia do lado Hemisfério não podem deixar de atentar para as preleções de Heidegger diante de seu público. As relações entre povo e filosofia são lançadas como exortações ao poder de uma nação que através do encontro com a técnica constitui um poder de dominação, o qual gerou os a Segunda Guerra Mundial. A questão fundamental proposta por Heidegger ainda fazem ecos, os quais são facilmente constatáveis quando vemos os avanços de movimentos de extrema-direita na Europa. Vejamos como a questão filosófica passa a ser recolocada:

Quando e onde se deu e aconteceu a decisão primeira e única da questão fundamental da filosofia e, por conseguinte, da própria filosofia? Naquele tempo em que o povo grego, cuja estirpe e língua têm conosco a mesma origem, preparou-se e aprontou-se, em seus grandes poetas e pensadores, para criar um modo singular de presença humana e popular, o que, então, teve seu princípio, até hoje não se desfez. Este princípio ainda está em vigor e não desapareceu, nem desaparece com o fato de a história posterior ter permanecido cada vez menos senhora de sua grandeza. O princípio ainda vige e subsiste como disponibilidade distante que antecipa amplamente nosso destino ocidental e liga a si o destino alemão. (Heidegger, 2012, p.24)

A partir destas citações, entraremos nos pormenores de como as indicações de Michel Foucault, em torno das relações entre acontecimento e sentido, são por demais potentes para repensarmos nossas condições reais de experimentações filosóficas do lado do Hemisfério Sul.

O acontecimento: entre Foucault e Deleuze | Lopes

2.1 DA REPETIÇÃO DA QUESTÃO FILOSÓFICA

As motivações em trazer os aprendizados que obtivemos nas leituras dos textos de Foucault, as quais nos levaram a tratar da relevância das noções de acontecimento e sentido, dizem respeito ao estatuto da filosofia em pleno século XXI. Como trataremos destas relações, principalmente ao nos aproximarmos da noção de imanência? A pergunta incidirá sobre as modalidades de tendências que permitem nos desviarmos dos nihilismos e pensar as relações entre homem, mundo e temporalidade mediante novas perspectivas. O homem habitando o mundo sensível necessariamente é levado a perguntar: de que modo as relações entre essência e aparência são destituídas por aquelas entre essência e aparição? As relações entre homem e mundo passam a ocorrer nas suas relações para com os fenômenos. O mundo em que o homem existe junto aos fenômenos possui sentido, o qual no impede a perguntar: o sentido deriva das condições transcendentais subjetivas ou dos acontecimentos impessoais?

A repetição da questão filosófica, de um modo inteiramente diferente nos levará ao que Foucault e Deleuze trazem como diferenciais em relação ao pensador Martin Heidegger. As posições do filósofo germânico já não mais incidem em relação ao Dasein como sentido do ser, as suas questões remetem para o Acontecimento apropriador como manifestação da Verdade do ser. A questão não é pensar mais na destinação do Dasein, mas sim a partir de um povo metafísico que aparece como herdeiro do povo grego; este povo, o pensador da floresta negra assegura que é o povo alemão. As características deste giro, as quais aparecem no texto publicado em 1989 no *Beitrag zur Philosophie (Vom Ereignis) – Contribuições para a Filosofia (Em torno do Acontecimento)*, são além de assinalar a relevância do povo em questão, também trazem a pergunta pelas relações entre os acontecimentos viver e morrer. Vejamos as observações de Heidegger:

A fuga dos deuses precisa ser experimentada e suportada. Essa constância funda a proximidade mais distante possível do acontecimento apropriador. Esse acontecimento apropriador é a verdade do ser. Nessa verdade abre-se pela primeira vez a indigência do abandono do ser. A partir dessa indigência, a fundação

da verdade do ser e a fundação do ser-aí se tornam necessárias. (Heidegger, 2015, p.31)

Os deslocamentos operados por Heidegger, na transição do ponto de partida do Dasein, para o povo metafísico herdeiro dos gregos, nada mais são do que exortações para a repetição da questão filosófica:

Essa necessidade realiza-se na decisão constante, que atravessa de maneira dominante todo ser humano histórico: quer o homem seja futuramente alguém pertencente à verdade do ser e, assim, alguém que abriga a partir dessa copertinência e para ela a verdade como verdadeiro no ente, ou quer o começo do último homem expulse o homem para o interior da animalidade dissimulada e permaneça recusado para o homem histórico o último deus. (Heidegger, 201, p.31)

Os desafios de fazer filosofia fora do Ser e do sujeito assim certamente não levaram a crença na existência de um povo que mantém a herança do povo grego. Neste sentido, como faremos filosofia no século XXI levando em conta as relações entre povo, terra e território, por exemplo, entre África e América do Sul?

3 A VIDA COMO QUESTÃO FILOSÓFICA

As distinções de Foucault e Deleuze em relação ao Heidegger, não deixam de trazer discussões que em direção ao vínculo entre Ser e saber. Giorgio Agambem, no seu texto *A imanência absoluta* apresenta considerações imprescindíveis para acompanharmos os deslocamentos da questão filosófica operada por Foucault e Deleuze ao pensarem este novo de campo de problematização, em que as singularidades ganham um novo sentido, permitem que as políticas contemporâneas da subjetividade ganhem dinâmicas diferenciadas.

Agambem apresenta os pensamentos desses dois autores como estimuladores de novos modos de pensar que diminuem as fronteiras entre filosofia política, epistemologia e ontologia. Os deslocamentos operados por eles, sobretudo em seus últimos textos sinalizam para uma filosofia política focada na vida. No dizer de Giorgio Agambem, a filosofia que vem, é devedora dos deslocamentos operados por Foucault e Deleuze em relação à fenomenologia, quando retiram o sujeito de sua relação com a verdade colocando-o no campo da vida. O dado que é preciso sublinhar nessas considerações sobre Michel Foucault e Gilles Deleuze - como pensadores de uma

filosofia que virá - é que ambos percorrem em seus textos aquilo que comumente chamamos de tensões entre vida e poder. Agamben, no texto “A imanência absoluta, destaca: “Como Foucault, Deleuze apercebe-se perfeitamente que o pensamento que toma como objeto à vida, compartilha deste objeto com o poder e deve confrontar-se com suas estratégias”. (Agamben, 2000, p.183). O próprio Agamben, no texto supra-citado, faz a seguinte citação:

Foucault, em seu últimos texto - “A vida : a experiência e a ciência” - retirou o sujeito do terreno do Cogito, do “Penso, logo existo”, colocando-o no da vida. De início, é preciso perguntar: o que Foucault considera como vida? Agamben, mais uma vez, nos orienta afirmando: “... ele o arraiga, no da vida, mas de uma vida que, enquanto essencialmente errar, vai além das vivências e da intencionalidade fenomenológicas.” (Agamben, 2000, p.170).

Deleuze, por sua vez, apresenta no seu artigo (*A imanência: uma vida...*) considerações que permitem que Giorgio Agamben pesquise o poder dentro dos âmbitos jurídico, institucional e biopolítico. Os conceitos de vida nua e forma de vida, tecidos por Agamben para expressar como a resistência ao biopoder ocorrer, encontram nos conceitos de singularidade e uma vida ressonâncias que lhe fornecem meios de prolongar os trabalhos de Foucault assim como os de Deleuze.

Giorgio Agamben, em suas leituras de Deleuze e Foucault, pensa a biopolítica preocupando-se em destacar a resistência que aparece quando a vida se torna o objeto do poder; os seus conceitos de vida nua e forma de vida são pensados como meio de encontrar os focos de resistência a este tipo de poder. A vida nua é justamente o fato da vida, a vida pensada somente nos seus aspectos orgânico e biológico. A resistência jamais poderia vir da vida nua, nem na forma de vida, mas sim da imanência absoluta; não poderia vir da vida nua justamente porque esta não teria mais a potencia para produzir linhas de fuga. Não foi à toa, que Foucault começou suas pesquisas em torno da subjetivação na Grécia antiga. Os processos de subjetivação sinalizam para esta forma de resistir ao poder; trata-se da constituição de dobras, em relação ao modo como o poder tenta capturar a vida, principalmente as vidas singulares que divergem; tais resistências ocorrem desde a dietética à estética da existência.

Deleuze chega a afirmar que a filosofia tem a ver com o cérebro, sendo este um volume espaço-temporal, um meio de virtualidades, cabe à filosofia produzir novas ranhuras, novas dobras neste meio virtual. A tensão entre filosofia e poder, tomará como tema às discussões em torno do que é pensamento, do que é pensar; e, a tensão se tornará maior ainda, uma vez que teremos que deixar em relevo aspectos da relação entre pensamento e cérebro. No sentido do percurso do caos ao cérebro.. Todavia, nos deteremos nas considerações em torno que vem sendo discutido, neste início de século sobre tal relação e, levando para essas discussões o que disse Michel Foucault quando começou a estudar as tensões entre vida e biopoder:

Contra esse poder ainda novo no século XIX, as forças que resistem apoiaram-se exatamente naquilo que o investiu – isto é, na vida e no homem enquanto ser vivo (...) a vida como objeto político fora tomada de alguma maneira ao pé da letra e voltada contra o sistema que pretendia controlá-la.” (Foucault, 1988, p.136).

Deleuze, por sua vez, nos permite encontrar e retirar uma citação de seu livro sobre Foucault: “A vida torna-se resistência ao poder quando o poder assume como objeto à vida. Neste caso as duas operações permanecem no mesmo horizonte.” (Deleuze, 2006, p.98). Como a vida poderia se tornar resistência ao poder? Foucault tinha claro que aquilo que o poder investia – a vida – era precisamente o que doravante ancoraria a resistência a ele, numa reversão inevitável. Mas isso, colocava um problema político complexo – o campo de ancoragem da resistência coincidia com o campo de influência do poder. Giorgio Agamben mostra essa inquietação nos seguintes termos: como um conflito em que está em jogo a própria liberdade do homem pode ocorrer justo num terreno – da vida nua – que marca a sujeição dos homens ao poder?

Quais serão as novas formas de resistência políticas? Podemos dizer que dentro das tendências filosóficas do século XXI, a relação entre filosofia e vida será uma das tônicas, e dentro desta àquela que se preocupará em investigar as implicações políticas diante da relação pensamento, cérebro e informação. No entanto, as relações entre acontecimento e sentido nos levam em direção àquelas entre povo e terra por virem.

4 PENSAR DE OUTRAS MANEIRAS

O acontecimento: entre Foucault e Deleuze | Lopes

A palavra de Foucault é já celebrada quando se trata de pensar de uma maneira diferente das demais. As suas investidas em pesquisar as relações entre sujeito e poder não deixam de sublinhar os acontecimentos que mudam o solo não somente epistêmico, mas das tipologias de sociedades que emergem em termos de disciplina e punição. Neste aspecto, podemos considerar que suas posições divergentes em relação aos modos de fazermos uma filosofia da história que culmina num malogro, não deixa de ser um giro em relação ao que se trata de acontecimento e não somente de história. Nietzsche já indicara esta relação divergente entre acontecimento e história. A nuvem não-histórica apontada pelo filósofo dinamite, podemos dizer que tem um sentido muito próximo daquilo que o estruturalismo enunciou como impensável e irracional. Foucault, ao pensar as relações de poder destacando as estratégias e conflitos belicosos, aponta para a construção de novos procedimentos não somente nos campos estritamente filosóficos, principalmente naqueles que sustentam as ciências humanas em suas mais variadas disciplinas. O homem ao ser enunciado com um invenção recente, além de ter a finitude constituinte; não tem como existir sem lidar com o que Foucault denomina de os quase transcendentais: vida, trabalho e linguagem. O que se passa nas relações entre as palavras e as coisas? Quais acontecimentos permitem-nos salientar as mutações nos solos epistêmicos a nível de pensarmos as sociedades não apenas como um movimento histórico em que a Razão apresenta-se através de contradições? As relações entre acontecimento e histórica ganham sentido em Foucault, sobretudo quanto este pensador diz que é preciso deixar as análises estruturais linguísticas e as que demandam da dialética hegeliana. Quais monumentos históricos simbolizam a passagem das sociedades de soberania para as disciplinares e, também para as de controle?

As leituras de Foucault, como as de Deleuze, possuem sustentações teóricas a partir das afirmações de Nietzsche. Em se tratando das relações entre acontecimento e história, faremos remissões ao texto de Nietzsche – Considerações Extemporâneas:

A história, na medida em que está a serviço da vida, está a serviço de uma potência a-histórica e por isso nunca, nessa subordinação, poderá e deverá tornar-se ciência pura, como, digamos, a matemática. Mas a questão: até que grau a vida precisa em geral do serviço da história, é uma das questões e

cuidados mais altos no tocante à saúde de um homem, de um povo, de uma civilização. Pois, no caso de uma certa desmedida de história, a vida desmorona e degenera, e por fim, com essa degeneração, degenera também a própria história. (Nietzsche, 1999, p.275)

As relocalizações das questões filosóficas fazem com que, por exemplo, Deleuze-Guattari apresentem considerações em torno das relações entre acontecimento e história destacando as distinções entre transcendência e imanência.

O próprio acontecimento tem necessidade do devir como de um elemento não-histórico. O elemento não-histórico, diz Nietzsche, "assemelha-se a uma atmosfera ambiente sem a qual a vida não pode engendrar-se, vida que desaparece de novo quando essa atmosfera se aniquila". É como um momento de graça, e "onde há atos que o homem foi capaz de realizar sem se ter antes envolvido por esta nuvem não-histórica?" (Deleuze-Guattari, 1995)

As questões entre acontecimento e sentido trazem as discussões que Deleuze-Guattari denominam de geo-filosóficas por envolverem povo, terra e território. Os autores apresentam críticas a Heidegger dizendo que a busca pela destinação do povo alemão, como herdeiro do povo grego, é um erro de povo de terra e sangue.

A nossa questão é sublinhar as motivações de continuarmos fazendo filosofia a partir da imanência e dos modos como os filósofos tecem seus conceitos a partir da questão eu remete ao Ser. As nossas preocupações são endereçadas aos modos como as questões e problemas surgem em meios problemáticos que não trazem as relações entre necessidade e universalidade, sublinhando que estas emergem meio às singularidades e contingências.

Se a filosofia aparece na Grécia, é em função de uma contingência mais do que de uma necessidade, de um ambiente ou de um meio mais do que de uma origem, de um devir mais do que de uma história, de uma geografia mais do que de uma historiografia, de uma graça mais do que de uma natureza (Deleuze-Guattari, 1998, p. 126).

As questões e problemas filosóficos não remetem mais à herança grega assinalada por Heidegger. Os modos de fazermos filosofia, desde o Sul, remetem às questões geopolíticas, as quais nos permitem sublinhar as relações entre acontecimento e história. O que é preciso assinalar não é o desmerecimento e o descrédito da história; mas sim, novas maneiras de pensá-la, principalmente sublinhando as relações entre história, acontecimento e sentido. Os motores da história não incluem somente as

contradições e as estruturas universais que assegurariam ao sujeito competências para suas performances. Os motores, as motivações, implicam acontecimentos que percorrem os desejos, os afetos, daqueles que compõem movimentos que investem estratégias que culminam em relações de poder que ora aparecem de modos belicosos, ora de modos sutis e imperceptíveis.

Em se tratando de questões que remetem aos encerramentos abertos, não deixaremos de fazer pontuações em torno de Foucault, Deleuze-Guattari e Heidegger.

O texto de Foucault que nos pautamos, para tratar das relações entre vida e resistências ao poder, é aquele cujo título é *A vida: experiência e ciência*. Neste texto, encontramos o que Foucault aponta como a relação entre vida e errância. Os aportes dos textos remetem as homenagens endereçadas ao seu mestre George Canguilhem. O tema da vida, enquanto o que é capaz de errar, aparece com detalhes de sutilezas na pena de Foucault. As posições levantadas neste texto remetem ao que aconteceu realmente no campo da história das ciências, principalmente quanto as desproporcionalidades que encontramos no desenvolvimento das ciências e em seus graus de formalizações. As relações entre ciência e filosofia passam a ser deslocadas por Georges Canguilhem, quando apresenta as zonas de proximidades entre problemas comuns à biologia e medicina. As tensões entre estas ciências aparecem de modos nítidos trazendo as consequências imprescindíveis para que possamos pensar a biopolítica em Foucault. As posições dos fenomenólogos, os quais enfatizam as atribuições do vivido como fonte do sentido originário de todo conhecimento, e aquelas do historiador da ciência podem ser prontamente vistas a partir da citação: “A fenomenologia solicitou ao “vivido” o sentido originário de qualquer ato de conhecimento. Mas não será possível, ou não seria necessário buscá-lo do lado do próprio Vivente?” (Foucault, 2005, p.381). As considerações nos levam à compreensão de que a vida enquanto erro passa a ser pensada quando, por exemplo, não se pode construir um conceito de saúde sem fazermos pesquisas em relação a doença. As ciências da vida fazem e refazem suas afirmações em meio às tensões, por exemplo, entre as pesquisas em torno da anatomia, fisiologia e patologias.

A vida, enquanto potencia de errar faz com, que no caso do homem, o esquecimento e o engano, passem a fazer parte das múltiplas e variadas maneiras de conhecer. Nestes quadros inteiramente deslocados dos modos habituais de fazer epistemologia, a história da ciência aparece sublinhando os aspectos descontínuos em que as fases das disciplinas em torno das ciências da vida sejam envolvidas pelo erro.

O biólogo busca apreender o que faz da vida um objeto específico de conhecimento e, portanto, o que a faz com que existam, no seio dos vivos, seres que, por estarem vivos, são capazes de conhecer, e de conhecer afinal de contas a própria vida. (Foucault, 2005, p.381).

As argumentações de Foucault nos levam a destacar que a vida enquanto mantiver contato com o erro responde com os conceitos. Os conceitos são feitos para viver e não para matar a vida. Neste ponto, podemos fazer conexões com o que Deleuze-Guattari afirmam que a filosofia cria conceitos a partir do caos traçando um plano de imanência e, também criando personagens conceituais.

Deleuze-Guattari concordam que a vida não orgânica ocorre em meio às relações entre povo, terra e território. A geo-filosofia não tem implicações como relação sujeito e objeto e nem muito menos com um povo ariano conforme no dizer de Heidegger. Povo por vir é aquele que aparece da seguinte maneira:

Heidegger se perdeu nos caminhos da reterritorialização, pois são caminhos sem baliza nem parapeito. Talvez este rigoroso professor fosse mais louco do que parecia. Ele se enganou de povo, de terra, de sangue. Pois a raça invocada pela arte ou a filosofia não é a que se pretende pura, mas uma raça oprimida, bastarda, inferior, anárquica, nômade, irremediavelmente menor — aqueles que Kant excluía das vias da nova Crítica... Artaud dizia: escrever para os analfabetos — falar para os afásicos, pensar para os acéfalos. (Deleuze-Guattari, 1998, p.141)

As conclusões aos modos de encerramentos abertos, justamente por almejarmos sempre ir mais a diante em meio às discontinuidades, nos fazem tecer aproximações entre os acontecimentos de pensar com Foucault, Deleuze e Guattari no que dizem respeito às microfísicas dos poderes e às micropolíticas dos desejos, sem deixar de dar importância ao que estes autores consideram em torno dos modos de subjetivação, produção de subjetividades e processos de singularização.

As relações entre acontecimento e sentido fazem com que tenhamos novos fôlegos para fazermos filosofia no século XXI.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As motivações de nossas pesquisas, em torno do acontecimento e sentido, decorrem das explicações minuciosas de Michel Foucault em seu *Theatrum Philosophicum*. A partir destas, começamos buscando meios de compreender o que afirmara em relação à tarefa da filosofia no século XXI. Foucault dissera que um dia o século poderia tornar-se deleuzeano. As questões de Foucault consistindo em pensar as relações de poder mantem um afastamento das maneiras de pensar a história como naquela concernente à dialética hegeliana quanto à análise linguística estrutural, não deixando de assinalar que as relações de produção, advindas da economia política, e as relações de significação, relacionadas à linguística, não lhes fornecem subsídios para pensar as relações de poder. Nestes aspectos, consideramos que trazer as conversações e debates em torno das relações entre Michel Foucault e Gilles Deleuze são preciosíssimas por sublinharem as relocalizações das questões e problemas filosóficos relacionadas às potências da vida enquanto resistir ao biopoder. Em pleno século XXI, em que assistimos as mutações tecnológicas que incidem nas relações entre comunicação e informação como modos de controle das vidas singulares, encontramos variados movimentos de resistências a tais procedimentos. As considerações a partir relações entre acontecimento e sentido nos permitem atualizações em meio as mudanças vertiginosas de pensamento que aparecem no século XXI; principalmente quando contestam os predomínios europeus em torno dos discursos filosóficos acerca da vida, história e poder.

Em meio aos genocídios que ocorrem na Faixa de Gaza, contra o povo palestino, assistimos as manifestações de estudantes universitários norte-americanos serem reprimidas violentamente pela forças do Estado. Em que medida, tais acontecimentos trazem novos sentido enquanto resistências em que vidas singulares produzem coletivamente mutações e desbloqueios das subjetividades? Michel Foucault falaria de novos modos de subjetivações. Deleuze junto com Guattari os

tratam como agenciamentos maquínicos de desejo e agenciamentos coletivos de enunciação.

O povo palestino, assim como todos aqueles que não trazem heranças metafísicas, serve de exemplo para afirmarmos que trata-se movimentos políticos em que um povo torna-se inseparável da produção de territórios. Os povos considerados como superiores são aqueles que são possuidores de Estado e que mantem um vínculo estreito com o mercado, no caso: o liberal. Os cuidados em trazer as relações entre acontecimento e sentido são para apresentarmos que estas questões são próprias a Michel Foucault quando trata da governamentalidade, sobretudo quando enfatiza as relações entre territórios e populações. Deleuze-Guattari dispensam os maiores cuidados em falar das distinções entre os modos de existências dos nômades em relação aos sedentários. No caso, do povo palestino vemos de modo direto e nítido que se trata de um povo que está sendo massacrado pelo Estado sedentário.

A questão deste estudo é afirmar o modo como faremos filosofia, no século XXI, do lado do Sul, trazendo as relações entre acontecimento e sentido para resistirmos as consequências da ignorância que nos levam ao fascismo. Os cuidados que Foucault nos exorta a tê-los, de não nos apaixonarmos pelo poder, mas sim resisti-lo, principalmente quando este coloca a vida como objeto, possuem ressonâncias com o que Deleuze afirma da imanência enquanto uma vida singular, em que o acontecimento viver tem o sentido de resistir ao fascismo. Foucault não cansou de afirmar que as respostas da vida ao erro são os conceitos. Os conceitos são feitos para viver e não para matar a vida.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. In: ALIEZ, Éric. **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado Rio de Janeiro: Graal, 1988
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 4. ed. Tradução de Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFC

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. Tradução Alberto Alonso Muñoz e Bento Prado Junior. São Paulo: Ed.34, 1992.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Nietzsche, Freud e Marx Threatrum Philosophicum**. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

HEIDEGGER, M. **Contribuições à Filosofia (Do Acontecimento Apropriador)**. tradução Marco Antonio Casanova; revisão Gabriel Lago Barroso. 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita – 2015

HEIDEGGER, M. **Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade / Martin Heidegger**. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão; revisão da tradução: Renato Kirchner. 2. Petrópolis: Vozes, 2012.

NIETZSCHE, F. **Considerações extemporâneas**. In:_____. Obras incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

SOBRE O AUTOR

Luiz Manoel Lopes

Professor de Filosofia Universidade Federal do Cariri. Membro do GT Deleuze/Guattari da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. Coordena projetos de pesquisa em Filosofia em Spinoza, Deleuze e Guattari.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0148195378287401>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5266-3680>

E-mail: manoel.lopes@ufca.edu.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

LOPES, Luiz Manoel. O acontecimento: entre Foucault e Deleuze **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 15, n.3. Especial. p. 82-102, nov, 2024.

RECEBIDO EM: 31/06/2024

ACEITO EM: 02/08/2024

PUBLICADO EM: 28/11/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional